

Acerca da Catábase

Noemi Elisa Aderaldo

Em sua acepção etimológico-literal, catábase significa “descida”, tendo evoluído para designar, no âmbito da Filologia Clássica, “descida aos infernos”; modernamente, entretanto, sob o influxo das pesquisas literário-antropológico-filosóficas, sua aura semântica expandiu-se, recolhendo em si o sentido de “ultrapassagem do horizonte da experiência humana”.

Gerou o tema, assim, abundante bibliografia, podendo consultar-se, a respeito, “Katabasis”, na **“Paulys Realenzyklopadie der Klassischen Altertumswissenschaft”** (Tomo X.2 – 2359), cobrindo duas dezenas de páginas; no Brasil, só nas últimas décadas veio o tema a ser devidamente aprofundado e realçado pelo helenista e filósofo Eudoro de Sousa, através de percucientes e brilhantes ensaios.

A importância literária e humanística da catábase repousa sobre três pontos capitais. Em primeiro lugar, é o elo que mais fortemente testifica o surgimento da Literatura, como uma expressão laica da cultura, a partir da vivência primigênia do sagrado que encontramos, por exemplo, nas sagas sumero-babilônicas e no repositório escriturístico das religiões antigas do Egito, Pérsia, Mesopotâmia, Grécia e Índia. Vale dizer, após se haverem destacado da sua contraparte ritual, as antigas narrativas míticas dão origem à Literatura como atividade “profana”, tal como hoje a cultivamos e entendemos.

O segundo ponto é representado pela ininterrupta continuidade do arquetípico conteúdo catabático através de variadas vestimentas imagísticas, metafóricas e simbólicas, emergindo, ao longo dos séculos, nos mais prestigiosos gêneros literários.

Em terceiro lugar, revestindo-se de um sentido ritualístico e iniciático no orbe religioso, o arquetipo catabático, ao transferir-se para o orbe literário, transmuta, expande e diversifica esse sentido original, impregnando-se de conotações e valores vivencialmente contíguos, mas expressando claramente a aspira-

ção e a busca humana (com as resultantes "travessias") dum contato além-horizonte com o transumano, com o divino, com o transcendente, com o sobrenatural, com o misterioso, com o desconhecido e sua vivenciação.

Na História da Literatura as catábases estão praticamente onipresentes, com explícito destaque em toda a tradição épica, transferindo-se depois, metamorfoseadas em novas modulações e roupagens, para os domínios do romance e da poesia, para só citar os mais proeminentes na modernidade.

De Gilgamesh a Fausto, de Ulisses a Riobaldo, encontramos-as como tema de episódios, ou mesmo de obras inteiras, quase sempre desempenhadas pelo herói, papel freqüentemente assumido, na lírica, pela alma do poeta.

Como emergem sistematicamente em todas as culturas de todas as épocas e lugares (mesmo nas culturas ágrafas através dos seus mitos), não há como negar-lhes o *status* de conteúdo do inconsciente coletivo na acepção junguiana, e do imaginário coletivo no âmbito antropológico.

Assim, o tema entra numa ligação, de natureza congênita, entre Literatura e mito. Como o mito, por sua vez, implica uma forte vinculação com o domínio do religioso e com a Psicologia profunda (através da psique que, na dimensão da interioridade humana, o herói freqüentemente simboliza), situa-se o tema, naturalmente, num território hermenêutico onde confluem esses domínios.